

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center
Académie des Lettres
Cion Estudiantil de Letras
to Acadêmico de Letras
文学 學術
センター



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

Alice Tamie Joko

Rita de Cássia da Silva Soares

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto

Yuko Takano



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Coordenadora de produção editorial

Revisão

Diagramação

Foto de capa

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio sem a autorização
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

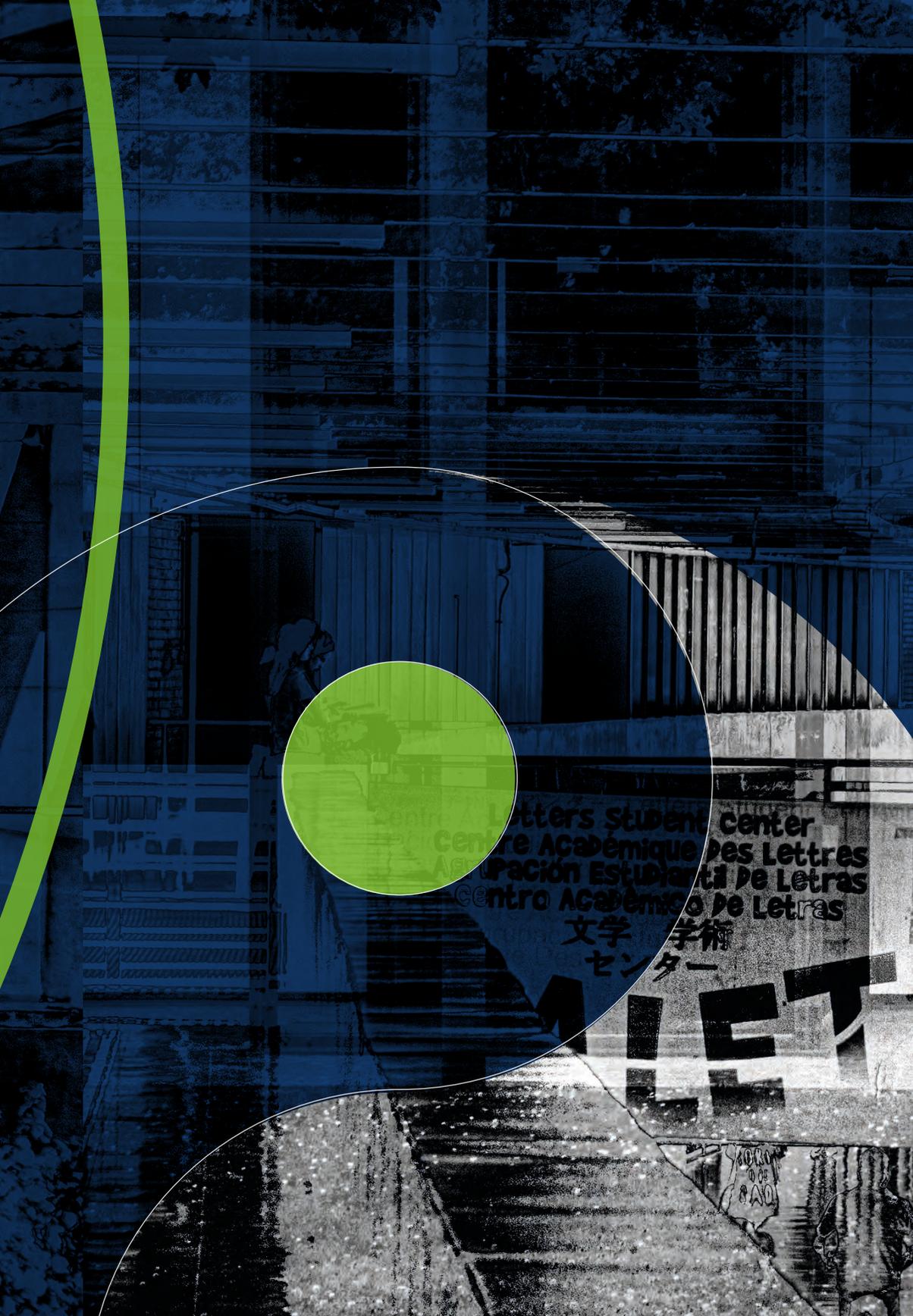
D536

Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2021.
368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie
(org.). II. Série.

CDU 81'28



Lettres Student Center
Centre Académique des Lettres
Asociación Estudiantil de Letras
Centro Académico de Letras
文学 学術
センター

LET

SECRETARIA
DE
SAO

SUMÁRIO

Apresentação _____ 11

PARTE I - OCIDENTE

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** _____ 25

Abdelhak Razky (UnB)
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** _53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística_____73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística_____95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português_____115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades____139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás_____161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

PARTE II - ORIENTE

O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas_____179

Eduardo Nakama (UnB)
Yûki Mukai (UnB)

Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo_____219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)
Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE_____261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)
Alice Tamie Joko (UnB)
Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões_____283

Kyoko Sekino (UnB)

O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional_____315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense_____337

Yuko Takano (UnB)

Posfácio_____361

Os Autores_____363



PARTE I - OCIDENTE





ESCOLHAS LEXICAIS E ENSINO DE LÍNGUAS: ANSEIOS E POSSIBILIDADES

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

1. INTRODUÇÃO

E vi a Via-Láctea ardente...
Vi comunhões... capelas... véus...
Súbito... alucinadamente...
Vi carros triunfais... troféus...
Pérolas grandes como a lua...
Eu vi os céus! Eu vi os céus!

(Manuel Bandeira)

Para este estudo, que objetiva apresentar possíveis aplicações das pesquisas sobre a variação lexical em aulas de Língua Portuguesa, tomou-se como objeto de análise a questão de nº 32 do Questionário Semântico-Lexical, utilizado no Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, qual seja, – “*Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?*”. Essa questão está incluída

no domínio “Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.” e deu origem a dois cartogramas: o cartograma 16 “Caminho de São Tiago” (via-láctea) e o cartograma 17 “Via-Láctea (outras designações)”. Foram examinados os itens lexicais utilizados pelos sujeitos em suas respostas, transcritas por Aguilera, autora do ALPR, bem como as notas relativas aos cartogramas e as observações da autora. De acordo com o exposto por Aguilera (1994, p. 54), os cartogramas 16 e 17 retratam “a variação lexical em torno das denominações populares de via láctea”.

2. ANÁLISE

Entre os vários dicionários consultados, em busca de acepções para Via Láctea, seja do uso do português, seja de astronomia ou do folclore brasileiro, destaca-se, primeiramente, a acepção de um dicionário de astronomia:

galáxia espiral à qual pertence a Terra, de diâmetro igual a 100.000 anos-luz e espessura de 16.000 anos-luz. A faixa luminosa que atravessa o céu e que podemos facilmente observar é o plano horizontal desta espiral. Sua aparência leitosa deu origem ao nome Via-Láctea. Se a observarmos com um binóculo, este aspecto leitoso desaparece, surgindo inúmeras estrelas isoladas. Ao telescópio iremos descobrir os aglomerados estelares e as nebulosas que, com o sistema solar, formam o sistema da Via-Láctea, que compreende cerca de 100 bilhões de estrelas. Sua massa total é da ordem de 200 bilhões de massas solares [...] (MOURÃO, 1987, p. 841).

Em Borba (2002), Via Láctea é “nebulosa que aparece à noite como uma grande mancha branca no céu”. Em Ferreira (2009), “nebulosa que forma longa mancha branca no escuro do céu”. Para o verbete Galáxia, Ferreira (2009) aponta:

[Do gr. *galáxia*(*Kyklos*), ‘Via Láctea’.] *Astr.* Sistema estelar ao qual pertencem o Sol, o sistema solar, todas as estrelas visíveis individualmente a olho desarmado, além de milhões de outras estrelas, gás e poeira interestelares, e que visto pela luneta se apresenta ao observador terrestre com uma esteira brilhante, Via Láctea.

As acepções citadas apontam semas inerentes¹ de Via Láctea, dentre os quais se destacam: i) faixa luminosa que atravessa o céu; ii) grande ou longa mancha branca no escuro do céu; iii) com aparência leitosa; iv) sistema formado por estrelas, gás e poeira interestelares; v) semelhante a uma esteira brilhante quando vista pela luneta.

Alguns desses semas apontados se atualizam na fala dos sujeitos-entrevistados no momento em que respondem ao sujeito-entrevistador. Citam-se, na sequência, três sujeitos que mencionam informações semelhantes, em suas respostas, para explicar o aglomerado de estrelas ao qual nomeiam de “Caminho de Santiago” ou “Caminho de São Tiago”:

Ao explicar como era o caminho de São Tiago, disse: “(...) ele dá um vurto branco (as)sim né, qui passa [...]”² (ALPR, ponto 06, sujeito A, cartograma 16)

Depois de concluída a entrevista, na repergunta, ocorreu: “é, esse, essa risca branca dá : : que dá assim de... agora ele tá assim, mai na época memo do sor [= sol], dos dia quente, ele pega reto aqui, né, então chama **camim de Santiágua**”. (ALPR, ponto 14, sujeito B, cartograma 16)

A ocorrência de **caminho de Santiago** deu-se na repergunta, seguida da explicação: “é uma listra branca de noite assim no céu... fica cheinho assim de estrela, fica bem branco, num é toda vida que tem, né”. (ALPR, ponto 38, sujeito A, cartograma 16)

¹ Semas inerentes, segundo Rastier (1996, p. 44), são aqueles que se caracterizam como denotativos, distintivos, definitórios e universais e que se originam no sistema funcional da língua.

² Essa e as outras falas dos sujeitos e observações da autora que serão aqui reproduzidas foram retiradas das notas aos cartogramas 16 e 17 do *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*, nas páginas 54 e 56. Os grifos são da autora do Atlas.

Caldas Aulete (1980), Ferreira (2009) e Mourão (1987) afirmam que Via Láctea também é chamada por Caminho de Santiago, Caminho de São Tiago, Carreira e/ou Carreiro de São Tiago, Estrada de Santiago e Estrada de São Tiago. Paiva (1979, p. 819) assevera que, “com o advento da era cristã, passou a Via Láctea a denominar-se, também, Caminho de S. Tiago, em homenagem ao padroeiro de Compostela (Esp.) e cujo suposto túmulo é, ali, ainda hoje, meta de peregrinações”. Theophilo (2000, p. 24) comenta sobre uma lenda na qual “Carlos Magno, o grande Imperador do Sacro-Império Romano-Germânico, teve um sonho em que lhe foi dito que deveria atingir Compostela, seguindo a Via Láctea até o túmulo do apóstolo Tiago”. Sobre a origem do nome Compostela, Theophilo (2000, p. 23) admite haver duas interpretações: uma viria de “*Campus Stellae*”, ou seja, campo estrelado, devido sua localização ao oeste da Europa, “onde no céu a Via Láctea se sobressai, em uma beleza espetacular para o observador”. A outra interpretação viria de “*Compositum*”, ou seja, “cemitério, pelo fato de ali estar enterrado o apóstolo”. Para Theophilo (2000, p. 24), a primeira versão é a mais evidente, pois acredita que a palavra “*stella*”, que compõe o nome, refere-se “à beleza da Via Láctea ali bem visível a olho nu!”. Diante dessas informações, não causa estranheza, a escolha lexical dos sujeitos-entrevistados. Para eles, “uma listra branca de noite assim no céu... [que] fica cheinho assim de estrela, fica bem branco” é o “caminho de Santiago”. É a formação discursiva na qual se inscrevem esses sujeitos, isto é, o discurso religioso, que lhes permite chamar a Via Láctea por “caminho de Santiago”, é sua memória discursiva que se atualiza no momento da enunciação, pois segundo afirma Courtine (2009, p. 5-6), “a noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas”. Sabe-se que o Paraná foi colonizado por portugueses, espanhóis e, também, por outros povos europeus, sendo, portanto, influenciado por suas culturas, por seu modo de vida, por suas crenças religiosas. Conforme assegura Aguilera (1996, p. 3-6),

pelo Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 entre os reis portugueses e espanhóis, é bem provável que o território atual paranaense seria de domínio da Espanha. No entanto, durante os séculos XVI e XVII, sucederam-se, de um lado e de outro, tentativas de posse do território através de missões jesuíticas espanholas e bandeiras paulistas sob as ordens do governo português. [...] [Apenas em 1820 o território ocidental do Paraná passou definitivamente à coroa portuguesa] Em 1829, chegaram a Rio Negro os primeiros colonos alemães [...] Novas levas de imigrantes sucederam-se na década de 50: suíços, alemães, franceses, ingleses e italianos que se fixaram no litoral e nos campos até então desbravados. [...] De 1860 a 1900 estabeleceram-se mais de sessenta colônias com imigrantes poloneses, italianos, alemães, russos alemães, ucranianos, e por último, sírios e libaneses.

Em Cascudo (1972), não se encontra o verbete Via Láctea. Entretanto, para o verbete Carreiro, verifica-se a seguinte definição: “Carreiro-de-santiago é a via-láctea. Todas as almas devem atravessar o carreiro-de-santiago no caminho do céu” (CASCUDO, 1972, p. 249). Considerar a Via Láctea como – um caminho para o céu – é um novo sema aferente³ que se atualiza na fala de alguns sujeitos-entrevistados. Isso fica evidente quando, ao responderem ao sujeito-entrevistador, afirmam:

“(...) conheço mesmo por **caminho do céu**, né”.
(ALPR, ponto 12, sujeito A, cartograma 17)

“que é incariado assim? Nós fala **istrada do céu**”.
(ALPR, ponto 18, sujeito A, cartograma 17)

“a gente fala o **caminho de i(r) pro céu**, né?” (ALPR, ponto 23, sujeito A, cartograma 17)

³ Os semas aferentes são classificados como “conotativos, não distintivos, não definitivos e não universais, provenientes de outros tipos de codificações como normas socializadas e até mesmo idioletais” (RASTIER, 1996, p. 44). É possível dizer, portanto, conforme sugere Santos (2011), que os semas aferentes podem se originar em determinados contextos sócio-históricos, eles podem surgir de valores individuais, de crenças, de lendas e até mesmo de superstições.

“(a)quele lá é, diz que é o **caminho do céu**”. (ALPR, ponto 28, sujeito B, cartograma 17)

Na repergunta ocorreu: “dizem que é o **caminho do céu**”. (ALPR, ponto 53, sujeito A, cartograma 17)

Mota (2012, p. 1), ao se reportar às peregrinações feitas pelos povos aos lugares santos, segundo as tradições religiosas de cada um, afirma que, semelhantemente, os cristãos, em suas peregrinações, deveriam ir a Jerusalém, a Roma ou a Santiago de Compostela. Para Mota (2012, p. 1),

algo da importância libertadora ou iniciática desta peregrinação ecoa nas tradições portuguesas ao cantarem (ou fadarem...) o seguinte provérbio-poema: «S. Tiago de Galiza // É um cavaleiro forte, // Quem ali não for em vida, // Há-de ir lá depois da morte».⁴

Ainda sobre essa peregrinação dos cristãos, Mota (2012, p. 1) assegura:

e de tal modo estava arreigada esta obrigação ou mandamento que se dizia que a Via Láctea era constituída de almas que faziam a peregrinação após a morte, já enquanto estrelas nos seus corpos espirituais. Era boa esta consciência que quase obrigava e propulsionava os que morriam sem lá ter ido a partirem nos seus corpos espirituais e enquanto almas dos “mortos” peregrinarem na Via Láctea. Mas para muitos povos a tradição é que ele era o caminho das almas para chegarem ao outro mundo, ou mesmo os mundos celestiais.

Cascudo (1972, p. 250) faz alusão também ao poeta norte-riograndense, Ábner de Brito, que termina seu poema *Via-Láctea* usando

⁴ Cascudo (1972, p. 249-250) atribui esse poema à J. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, 25. Porto, 1882. A primeira estrofe desse poema, segundo registra Cascudo (1972, p. 250), é: “S. Tiago de Galiza // Vós sendes tão intresseiro, // Ou em morte ou em vida // Hei-de ir ao vosso mosteiro”.

“a imagem tradicional”: “És por certo o caminho sacrossanto // Aberto em meio do infinito manto, // Por onde o poeta, quando morre, [passa.]. Percebe-se, na fala dos sujeitos-entrevistados, que a Via Láctea é, para eles, lugar de passagem, de transição, é “o **caminho de i(r) pro céu**”. Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 953) afirmam que em várias tradições “a Via-Láctea aparece como um local de passagem, de origem divina, unindo os mundos divino e terrestre [...] Marca também uma fronteira entre o mundo do movimento e a imóvel eternidade”.

Fica evidente, na fala desses sujeitos, a atualização do discurso religioso, revelando crenças e valores que os constituem e o lugar sócio-histórico-ideológico de onde enunciam. Outras designações para Via Láctea, apontadas pelos sujeitos, reforçam a presença do discurso religioso em seu discurso, apontando nomes de lugares com cunho religioso e/ou personagens bíblicos. Citam-se, a seguir, alguns exemplos:

“eles falam é : : **caminho** [de] **Nosso Senhor**”. (ALPR, ponto 03, sujeito A, cartograma 17)

Ao se reformular a questão, reforçando-se os semas ‘cortar o céu de fora a fora’, observou: “não, (a)quela lá é **estrada de Roma**”. (ALPR, ponto 07, sujeito A, cartograma 17)

“(a)qui(lo) lá é **caminho de Maria**, né...” (ALPR, ponto 12, sujeito B, cartograma 17)

Vacilou o tempo todo até registrar: “nós fala o **caminho dos anjo**, ma(s) num sei né, num entendo, né”. (ALPR, ponto 17, sujeito B, cartograma 17)

“é **estrada de São Francisco**... aquela **rua do São Francisco** que diz [...] (ALPR, ponto 20, sujeito A, cartograma 17)

“uns fala **caminho de Adão e Eva**, né”. (ALPR, ponto 39, sujeito A, cartograma 17)

“diz que é **carrero de São João Maria**”. (ALPR, ponto 47, sujeito A, cartograma 17)

“ah, tem gente que diz que é : : quando vê (a)quelafaxa de estrela, assim, diz que é **estrada que Deus** cruza, né (...) **estrada que Deus passa**, né”. (ALPR, ponto 56, sujeito B, cartograma 17)

“(...) diz que(e) era **caminho de São Pedro** e tal, que o povo mai antigo falava, né”. (ALPR, ponto 25, sujeito B, cartograma 17)

“falava : : era **caminho de Adão**, parece que era uma coisa assim. Minha mãe falava que dava (a) quele ar assim de fora a fora (...) que era **caminho... é estrada de Adão**”. (ALPR, ponto 24, sujeito B, cartograma 17)

Na fala dos dois últimos sujeitos, além da presença marcante do discurso religioso, revelado no emprego dos nomes bíblicos como São Pedro e Adão, fica perceptível a atribuição do nomear a outras pessoas, aos mais velhos, aos mais antigos. Nomear o fenômeno atmosférico como **estrada** e/ou **caminho** não é um hábito recente, não é novo e vem sendo feito há muito tempo, pois “(...) diz que(e) era **caminho de São Pedro** e tal, que o povo mai antigo falava, né”. Os costumes, as crenças, os valores se atualizam na voz dos sujeitos e revelam o lugar socioideológico de onde enunciam. O enunciado passa de boca em boca, de geração em geração e se atualiza. O último sujeito citado atribui à mãe o costume de nomear Via Láctea **estrada de Adão**. Em sua resposta, ele afirma: “Minha mãe falava que dava (a)quele ar assim de fora a fora (...) que era **caminho... é estrada de Adão**”.

Além de ser “o **caminho de i(r) pro céu**”, a Via Láctea também é, para alguns sujeitos, “constituída de almas que faziam a peregrinação após a morte, já enquanto estrelas nos seus corpos espirituais” (Mota, 2012, p. 1). Isso fica visível quando, em suas respostas, os sujeitos-entrevistados atribuem designações à Via Láctea, tais como:

“num é a **cova do Adom e Eva**?” (ALPR, ponto 01, sujeito B, cartograma 17)

“**cova de Adão e Eva**”. (ALPR, ponto 05, sujeito B, cartograma 17)

Respondeu inicialmente: “(...) eu vô falá, num sei se é verdade, né; diz que aquela é a **cova da Eva**”. Depois de reafirmar sua incerteza da verdade, comentou: “é : : as veiz, né, aparecia (a)quela mancha no céu assim, né, em dois, né; um diz que era a **cova da Eva**, oto [= outro] **do Adão**, né (...) agora num sei se é verdade ou num é, né”. (ALPR, ponto 06, sujeito B, cartograma 17)

Na re pergunta, explicou: “é **sepultura de Adão**, assim o povo fala, né”. (ALPR, ponto 15, sujeito A, cartograma 17)

Na revisão final registrou: “**cova de Adão e Eva**”. (ALPR, ponto 29, sujeito B, cartograma 17)

“puis [=pois] é nós... foi a **sepultura de Jesus**” [...]. (ALPR, ponto 59, sujeito A, cartograma 17)

Na re pergunta: **caxão de Adão e Eva, de Adão** parece... é o **caxão de Adão**, quando o tempo tá muito limpo, né (...). (ALPR, ponto 39, sujeito B, cartograma 17)

Interessante observar que um dos sujeitos, ao responder ao sujeito-entrevistador, não se refere a nenhuma personagem bíblica, Adão, Eva, ou o próprio Jesus, como fez o sujeito A, do ponto 59. Esse sujeito, ao responder à questão sobre “aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu”, revela uma crença ampliada, ao acreditar que na Via Láctea estão “enterradas” todas as pessoas mortas, independentemente de seus atributos cristãos ou galardão próprio, pois, em sua reposta, ele afirma que a Via Láctea é:

“**sepultura de pessoa que morre**”. (ALPR, ponto 40, sujeito B, cartograma 17)

Além de tornar perceptível a marca do discurso religioso, que se revela de maneira fortíssima na materialidade linguística, a prática de leitura do objeto tomado como análise, isto é, a fala dos sujeitos-entrevistados, em resposta à questão sobre “a faixa luminosa que atravessa o céu”, permite verificar que a variação lexical, em torno das denominações populares da Via Láctea, revela “curiosas e interessantes metáforas construídas com base em vocábulos compostos por ‘caminho’, ‘estrada’, ‘carreiro’, ‘sepultura’, entre outros, no primeiro elemento, e nomes religiosos ou bíblicos no segundo elemento” (AGUILERA, 1994, p. 54).

Além disso, em uma fala citada anteriormente, aparece um dado novo. Além de nomear a Via Láctea por “caxão de Adão”, o sujeito a relaciona com o clima, quando diz:

“... é o **caxão de Adão**, quando o tempo tá muito limpo, né (...).” (ALPR, ponto 39, sujeito B, cartograma 17).

Essa relação que se estabelece entre estrelas, lua e fenômenos atmosféricos e a possibilidade de leitura, adivinhação ou compreensão do clima é um costume comumente verificado entre pessoas do campo, sobretudo as mais antigas, habituadas a observar a natureza e tirar dela lições de meteorologia. Em se tratando de sujeitos cuja profissão predominante é a de agricultor, não é estranho registrar, em suas falas, tal percepção. Além do sujeito citado, dois outros também se referem a essa possibilidade de relacionar a Via Láctea com a previsão meteorológica:

“pois é sinar de chuva... é **estrada de São Francisco**... aquela **rua do São Francisco** que diz, **estrada do São Francisco**, é, bem, parece até que tem puera [= poeira] (as)sim junto e travessa (ass)sim vai longe assim”. Completou: “(...) é sinar de bastante chuva”. (ALPR, ponto 20, sujeito A, cartograma 17)

Declarou, inicialmente, não conhecer o nome. Perguntou-se do ‘caminho de Santiago’: “ah, **caminho de Santiago** eu compreendo, que é uma estrela, né, conforme o lado, ele marca chuva, marca seca. Carrerinho da estrela, né, que faz assim: se faz no norte é pa chuva, se faz do mar é pa seca, se faz do sur é pa geada, no inverno (...) o **camim da Santiáguá** é esse né, a gente compreende o tempo, né”. (ALPR, ponto 62, sujeito A, cartograma 17)

Percebe-se, portanto, um novo sema aferente que se atualiza na fala dos sujeitos. Para eles, a presença e/ou a posição da Via Láctea possibilita a leitura do tempo, pois “conforme o lado, ele [o **camim de Santiáguá**] marca chuva, marca seca [...] se faz no norte é pa chuva, se faz do mar é pa seca, se faz do sur é pa geada, no inverno”.

Há um último aspecto, presente no discurso dos sujeitos, que se deseja ainda abordar. Ao serem questionados sobre credíncias circunscritas em volta de Via Láctea, esses sujeitos não hesitam em afirmar:

“(...) ele dá um vurto branco (as)sim né, qui passa (...) o pessoar fala que quano o craro passa em cima da ca(sa) duma moça, vai casá logo”. (ALPR, ponto 06, sujeito A, cartograma 16)

“(...) uns fala, por exemplo, [quando] tá por cima da casa que tem fia [= filha] moça, casa...” (ALPR, ponto 13, sujeito A, cartograma 16)

Segundo afirma Foucault (1995, p. 31), analisar o discurso é “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação”, é também “determinar as condições de sua existência”. Dito de outra maneira, analisar o discurso é relacionar o enunciado à formação discursiva na qual ele se inscreve. Uma leitura rápida dos dois enunciados citados acima pode causar estranheza, pois, à primeira vista, a opacidade da língua não permite estabelecer uma ponte entre Via Láctea e casamento. Entretanto, levando em conta o homem na história e considerando “as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer” (ORLANDI, 2001a, p. 16), torna-se possível entrever o “não-dito” naquilo que se diz.

A partir da consulta feita em vários dicionários, foram apontados para Via Láctea, entre outros, os seguintes semas inerentes: faixa luminosa que atravessa o céu; com aparência leitosa. Segundo a mitologia grega, Hércules ou Hércules (em latim), era um semideus, filho de Zeus e Alcmena. Ao nascer, seu pai, pretendendo torná-lo imortal, pede a Hermes que o leve para junto do seio de Hera ou Juno (em latim), sua esposa, enquanto esta dormia, e o fizesse mamar. A criança “sugou o leite com tal violência que Juno [Hera] despertou sobressaltada. Vendo o menino, afastou-o com um gesto brusco. O leite jorrou e se espalhou entre as estrelas, dando origem à Via-Láctea” (SPALDING, 1965, p. 120). A fala do sujeito, “(...) ele dá um vurto branco (as)sim né, qui passa (...) o pessoar fala que quano o craro passa em cima da ca(sa) duma moça, vai casá logo”, restaura vários

“trajetos de sentidos” (GREGOLIN, 2007, p. 163) tradicionalmente associados ao casamento, como o véu e os valores simbólicos a ele relacionados. A aparência láctea ou leitosa da Via Láctea, isto é, sua aparência da cor do leite, alva, branca e seu formato em “faixa luminosa que atravessa o céu” remetem, ou fazem pensar no véu da noiva, do casamento religioso. O véu, geralmente, confeccionado em tule ou renda, curto ou longo, sempre esteve (ou ainda está) no imaginário de uma mulher e são raras as vezes em que uma noiva resiste à tentação de se ver com um véu diante do espelho. Além da cor branca, o véu também pode ter apliques ou ser bordado com cristais, miçangas ou *strass*, o que lhe acrescenta brilho e luminosidade, tal qual a Via Láctea. Além disso, “o famoso véu branco é também um **símbolo de pureza**. [...] Visualmente, ele passa um ar angelical e o uso dele, assim como o vestido branco, significa pureza e virgindade”¹. Zilles (2006, p. 90) assegura que a cor branca do vestido da noiva [e do véu], em muitas culturas, simboliza festa e alegria.

Cruzam-se na fala dos sujeitos citados o discurso religioso e o social. O discurso religioso que institui o casamento como um dos sete sacramentos do catolicismo (HOUAISS; VILLAR, 2009) e pressupõe a imagem do véu, puro e branco como a Via Láctea e o discurso social que deixa implícita a ideia de que a mulher quer (sempre) se casar. Considerando-se o momento histórico em que foram produzidos esses enunciados, aproximadamente três décadas atrás, não parece ser demasiado absurda ou mesmo inesperada a associação que se estabelece entre a Via Láctea e o casamento. Trinta anos atrás, na década de oitenta², era usual e aceitável a ideia da “recitação de um mito que forja a identidade feminina” (GREGOLIN, 2007, p. 165) na busca de um objetivo maior, que seria casar-se. Além do mais, naquela época, e, sobretudo, nos locais onde se aplicou o questionário, regiões de agricultura, a pouca

¹ Informação disponível em: <http://zankyou.terra.com.br/p/o-significado-do-veu-da-noiva>. Acesso em: 31 out. 2012.

² É importante observar que, embora o ALPR tenha sido publicado em 1994, os questionários foram aplicados na década de 80, entre 1985 e 1989, segundo a data das entrevistas registradas por Aguilera (1996, p. 107-131).

luminosidade artificial do lugar propiciava a visão, a olho nu, da beleza das estrelas da Via Láctea. Portanto, sabendo-se que o sujeito se constitui na e pela linguagem, e que, segundo Courtine (2008, p. 13), “todo enunciador é um *sujeito*, ou seja, ao mesmo tempo, um sujeito histórico e um sujeito falante”, é possível ouvir, sobretudo, da boca de uma mulher (sujeito A)³, que, em uma noite estrelada, “quando o craro passa em cima da ca(sa) duma moça, [ela] vai casá logo”.

A ideia de que as mulheres desejam, de qualquer maneira, casar-se, corresponde, de modo geral, aos papéis associados ao feminino que lhes são, desde cedo, atribuídos nos jogos infantis, como o “brincar de casinha”, o “cuidar dos irmãos”, o “preparar a refeição”. Contrariamente a essa ideia, encontram-se os papéis associados ao masculino, que atribuem aos meninos a responsabilidade de “construir um patrimônio” e “suprir financeiramente” a casa e que, portanto, podem e/ou devem demorar mais que as meninas a se casarem. Esse fato fica evidente na fala de um sujeito-entrevistado e poderia configurar numa posição machista, expressando um valor normalmente compartilhado na comunidade masculina. Esse sujeito, indagado pelas credices, observa:

“é, ela [a mãe] (a)inda tinha que quando ele vinha fácil, certinho por riba da casa diz que ia casá um filho. Eu falava pra veia [= velha, a mãe]: num vai pegá no meu pé, não, que eu sô muito novo”. (ALPR, ponto 33, sujeito B, cartograma 16)

Observa-se, nas três falas citadas, a atualização do tema do casamento que circula no senso comum. A moça, sempre desejosa de casar-se, gostaria de ver a Via Láctea passar sobre sua casa, anunciando que o dia tão esperado se aproxima, ou que a chegada de um príncipe está às portas. O rapaz, por outro lado, não se julgando preparado, diz pra mãe:” num vai pegá no meu pé, não, que eu sô muito novo”.

O mito, segundo Chauí (2001, p. 9), no sentido antropológico,

³ Segundo afirma Aguilera (1996, p. 107), os sujeitos designados por A são do sexo feminino e os designados por B do sexo masculino.

é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade [...] é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.

Nesse sentido, é possível pensar que a cena se repete e o mito se atualiza. Hoje, não é mais costume entre as moças olhar o céu pra saber se a Via Láctea está por cima de suas casas, mesmo porque com a luminosidade intensa das cidades não é possível uma boa visualização das estrelas. Na vida moderna, não se olha mais o céu, já não há mais romantismo de namorar sob o luar e falar sobre estrelas. Entretanto, o mito encontra uma nova linguagem para expressar-se. É costume, nas festas de casamento, reunirem-se as moças solteiras para saber qual delas será a próxima a casar-se. Durante a festa, em um determinado momento, que é sempre anunciado, a noiva lança seu buquê, que descreve no ar uma trajetória, e porque não dizer, uma trajetória semelhante à da Via Láctea. A moça que consegue pegar o buquê é a que vai se casar primeiro, pois, “o pessoal fala que quando [pega o buquê], vai casá logo”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise feita, constata-se que o sujeito-entrevistado, ao responder às questões propostas, revela que sua escolha lexical é determinada pela formação discursiva na qual ele se inscreve. Sua escolha lexical não é inocente ou aleatória, mas ela está diretamente ligada ao contexto sócio-histórico-ideológico do qual ele enuncia. É a partir do lugar de onde o sujeito enuncia, a partir das condições de produção nas quais ele se inscreve, que suas palavras ganham sentido.

Assim sendo, pode-se dizer, com Pêcheux (2006), que o trabalho de leitura das respostas dos sujeitos-entrevistados na atividade discursiva,

e das notas referentes aos cartogramas de um atlas linguístico tem a propriedade importante de explicitar a memória de um grupo social. Essa prática de leitura torna possível “multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo” (PÊCHEUX, 2006, p. 44). Essa prática de leitura possibilita o entendimento da presença de “não-ditos” no interior do que é dito, pois o sentido das palavras não é imanente, mas se constrói a partir de um espaço discursivo marcado por instabilidades promovendo movências de sentido (FERNANDES, 2008).

A análise do objeto discursivo permitiu observar o entrecruzamento de diferentes discursos e coloca em pauta uma questão aventada por Foucault (1995, p. 31): “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”. Esse questionamento frente à aparição de diferentes itens lexicais nas respostas dos sujeitos à pergunta “*Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?*” levou à busca da compreensão de tais enunciados como integrantes de diferentes discursos. Entre os diferentes discursos entrecruzados⁴ na voz dos sujeitos-entrevistados, apreenderam-se o discurso religioso, o discurso supersticioso e o discurso social ou o senso comum, na atualização do tema do casamento, determinando a escolha lexical expressa em suas respostas e desvelando crenças e valores dos grupos sociais que esses sujeitos integram.

Buscando a compreensão da escolha e uso de diferentes itens lexicais dados como respostas pelos sujeitos-entrevistados a essa questão, recorreu-se à História com o intuito de explicitar os processos socioideológicos que viabilizam a presença desses enunciados e os referendam como integrantes de uma dada formação discursiva. Conforme assegura Gregolin (2006, p. 89-90), “entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação

⁴ A expressão discursos entrecruzados está referendada por Fernandes (2008, p. 26) que, ao conceituar sujeito na Análise do Discurso, diz que ele “não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem.”

que envolve os sujeitos, que passa pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado”.

É possível dizer que as diversas escolhas lexicais, produzindo novos efeitos de sentido, se constituem no registro da memória discursiva na qual se inscrevem esses sujeitos e da qual eles se apropriam em suas interações. Santos (2012, p. 46) assegura que a pesquisa geolinguística “não se encerra nos cartogramas [...], [pois] os itens lexicais que integram os atlas semântico-lexicais são parte constitutiva da atividade linguística produtora de sentidos”. Para além do trabalho geolinguístico vislumbra-se a fala de sujeitos integrantes de determinados grupos sociais e históricos. Sua fala, perpassada por sentimentos, credences, superstições ou costumes próprios desses sujeitos, revela os vários discursos de que participam, os quais, produzindo sentidos entre os locutores, desvelam as transformações sócio-históricas de um grupo social. Esse fato reforça a ideia de que o sentido se produz em um espaço social diretamente ligado à inscrição ideológica do sujeito, pois sua voz revela esse espaço social no qual ele se inscreve.

Dessa forma, é possível e importante trazer para dentro da sala de aula (heterogênea) os estudos sobre a variação lexical. Conhecer a realidade linguística pode se tornar uma importante ferramenta para o professor que se interessa em desenvolver um trabalho que privilegia, inclusive, as próprias variantes do aluno. Os trabalhos geolinguísticos apontam para itens lexicais utilizados pelos sujeitos na atividade discursiva que, muitas vezes, não são encontrados nos dicionários ou nos livros didáticos e, segundo afirma Manuela B. Ferreira (2008, p. 307) “seja popular, seja erudita, cada palavra é um caso, tem uma história, uma vida”. Importa reiterar que é na atividade discursiva estabelecida entre os membros de um grupo que acontecem as formações e transformações lexicais, pois o léxico se atualiza na interação linguística que envolve não somente os sujeitos implicados em um ato discursivo, mas envolve também todo o grupo social no qual esses sujeitos se inserem.

Conforme afirma Antenor Nascentes (1958, p. 7), “poucos sabem [...] qual é o valor de um atlas, qual a sua necessidade para a solução

de múltiplos problemas e, dos que sabem, poucos dão importância a essas questões”. Entretanto, a Geolinguística e a Dialetoлогия oferecem “subsídios a outras áreas, consideradas afins, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnologia” (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2006, p. 112). Assim sendo, é possível estender essa contribuição da Geolinguística à Análise do Discurso e ao ensino da Língua Portuguesa, como foi propósito mostrar com este estudo, pois “ao contrário do que ocorria há cerca de 20 anos, observa-se hoje na dialetoлогия uma ânsia muito grande de completude e inovação, no sentido de se buscar abarcar a variação lingüística no maior número de dimensões de análise possível” (ALTENHOFEN, 2006, p. 166). Diante dessa perspectiva, interessa que os trabalhos de Geolinguística, na busca dessa “completude” e “inovação”, abram seu leque interpretativo e ultrapassem o aspecto descritivo, considerando que “na relação do sujeito com a língua e com a história, por trás das palavras ditas, o *não-dito* produz sentidos que não podem ser controlados e que não se encerram em si” (FERNANDES, 2008, p. 83).

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná: apresentação*. Londrina: Editora da UEL, 1996.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas lingüístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005. p. 137-176.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. Interfaces entre Dialetologia e História. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 11-19.

- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 99-121.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. Os sujeitos e os discursos na história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves et al. (org.). *Sujeito, identidade e memória*. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 111-122.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FERREIRA, Manuela Barros. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. p. 289-311.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Sentido, sujeito e memória: com o quesonhanossa vã autoria? In: GREGOLIN, M. do R. V.; BARONAS, Roberto (Org). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001. p. 60-78.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 155-168.
- GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. *A intertextualidade em Clarice Lispector: uma visão contemporânea da narrativa bíblica*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. Geolinguística e Análise do Discurso: possibilidades de recorrências. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos do VII Congresso Internacional da ABRALIN*. Curitiba: Contexto, 2011. p. 3977-3989.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. Chuvisqueiro, chuva fina, garoa ou neblina. In: SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana C. (org.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012. p. 67-88.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. *Aspectos sociais, históricos e culturais como validação das escolhas lexicais: um estudo sobre atlas linguísticos*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1 CD ROM, 2009.

MOTA, Pedro Teixeira da. *Da Via Láctea*. Disponível em: <http://fundacaomaitreya.com/cronica.php?ida=528>. Acesso em: 29 out. 2012.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração de um Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 68: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 59-71.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001b.

PAIVA, Jorge O'Grady. *Dicionário de astronomia e astronáutica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial, 1979.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso*. Textos escolhidos por Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 141-150.

RASTIER, François. *Sémantique interprétative*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

RASKY Abdelhak; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilúcia. Atlas linguísticos: contribuição para o ensino básico. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 109-126.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. A variação lexical em atlas linguísticos paulistas: considerações em torno de “chuva”. In: SILEL. Uberlândia, 2011. *Anais...* CD-Rom. Uberlândia: UFU, 2011. v. 2.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Sociolinguística e interação face a face: diálogo possível. In: SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana C. (org.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012. p. 33-50.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Apresentação. In: SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana C. (org.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012. p. 15-19.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da mitologia Greco-latina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965.

THEOPHILO, Francisco. *Coincidências da Via Láctea*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. 6. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.



OS AUTORES

Abdelhak Razky é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

Adriana Cristina Cristianini. é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

Clézio Roberto Gonçalves é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

Diego Coimbra dos Santos é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

Eduardo Nakama é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

Geanne Alves de Abreu Morato é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

Hélder Gomes Rodrigues é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

Irenilde Pereira dos Santos é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Josane Moreira De Oliveira é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

Kazue Saito M. Barros é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

Kyoko Sekino é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

Marcus Tanaka de Lira é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

Ricardo Rios Barreto Filho é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

Selma Sueli Santos Guimarães é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

Yuki Mukai é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriental).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.